

## INVESTIGAÇÃO SOBRE PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E DOS DISCURSOS DA SEXUALIDADE E RELIGIÃO EM JOVENS HOMOSSEXUAIS

Leonardo Estrada de Aguiar<sup>1</sup>; Henrique de Oliveira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduando do Departamento de Psicologia UFMT, leonardo\_estrada\_aguiar@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Psicologia da UFMT, holiveiralee@gmail.com

### Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo averiguar os processos de subjetivação de jovens cristãos homossexuais por meio de entrevistas semiabertas, no intuito de apreender por meio dos relatos de experiências dos participantes como se dá a articulação entre a orientação sexual e a orientação religiosa, bem como os elementos que permitem a cada indivíduo a realização de tal arranjo. Uma vez que, a princípio, tanto os discursos religiosos sobre a homossexualidade, quanto os discursos articulados pelos movimentos LGBT com relação ao cristianismo são antagônicos, faz-se necessário pensar sobre as múltiplas relações e arranjos realizados individualmente por cada sujeito, considerando de modo especial a maneira como cada um realiza as combinações destes elementos. Contudo, a pesquisa ainda se encontra em fase de revisão bibliográfica e de delineamento da metodologia que será adotada para a coleta de dados, embora, tem se cogitado o uso de entrevistas individuais e em grupo com os participantes da pesquisa. De modo geral, acredita-se que será encontrado três formas de síntese entre a vivência da orientação homossexual e a prática religiosa: jovens que se abstenham das práticas religiosas pela realização da sua orientação sexual; jovens que se abstenham das práticas sexuais em detrimento da participação religiosa; ou ainda, jovens que conciliem estas duas instâncias, sustentando tanto a sua prática sexual homoerótica quanto as práticas religiosas.

**Palavras-chave:** Subjetivação; Homossexualidade; Discurso; Religião.

Compreende-se que toda prática humana se constitui como uma prática discursiva, no sentido de articular elementos dispersos da realidade de modo que se torne possível atribuir sentido a partir destas conexões, e é nesta relação que cada indivíduo se constitui naquilo que se denomina subjetividade. O contexto histórico, religioso, familiar, econômico, social, cultural, entre outros, compõe o universo de possibilidades que oferecem a cada indivíduo um conjunto de elementos passíveis de serem combinados de inúmeras maneiras.

É nesta articulação que ocorrem os chamados processos de subjetivação, isto é, os processos que se referem ao modo como cada um se compreende e se constitui como um sujeito legítimo enquanto parte da relação sujeito-objeto, no qual o próprio se contém em ambas as partes de tal relação (Castanheira, 2012). Modos estes que são produzidos historicamente, o que significa dizer que estes se modificam no decorrer da história e são particulares a cada período (Cardoso, 2005).

Desse modo, quais são os fatores que levam alguns a associar de uma determinada forma e não de outra? Quais as condições que propiciam que alguns sujeitos efetuem combinações de exclusividade entre elementos concorrentes? E quais os aspectos que permitem a produção de

subjetividades capazes de realizar a síntese de elementos antagônicos entre si? Tais questões orientam o desejo de compreender a construção de subjetividades homossexuais em relação ao discurso cristão.

Antes de mais nada parece-nos importante iniciarmos a discussão pensando primeiramente a relação dos discursos sobre a sexualidade a partir do uso dos termos que hoje em dia são comuns. Neste caso, parece-nos essencial prestarmos atenção nos sentidos e significados histórica e socialmente construídos acerca dos termos relacionados à sexualidade.

Portanto, parece ser necessário saber que uso dos termos heterossexualidade e homossexualidade é recente, e tornam-se conhecidos a partir do artigo escrito pelo *Dr. Kiernan* em 1892 (Katz, 1996). Não que o tema da sexualidade não ocupasse lugar de importância nos debates anteriores, muito pelo contrário, a sexualidade é tema de discussões desde os filósofos da Grécia antiga (Foucault, 1999; Foucault 1998a; Foucault 2005).

O primeiro uso conhecido da palavra heterossexual nos Estados Unidos data de maio de 1892, em um artigo do Dr. James G. Keirnan, publicado em um jornal de medicina de Chicago (Katz, 1996). Nesse contexto, este termo não tinha o significado de sexo normal, mas se referia a uma perversão sexual, uma manifestação anormal da sexualidade. Os heterossexuais de Kiernan eram associados a uma condição mental de “hermafroditismo psíquico”, isto é, possuíam a atração sexual masculina por mulheres e ao mesmo tempo a atração sexual feminina por homens. Estes heterossexuais apresentavam desejo sexual por ambos os sexos, aquilo hoje muito possivelmente chamaríamos de bissexualidade.

O artigo do Dr. Kiernan ainda possui a mais antiga publicação conhecida do termo homossexual nos Estados Unidos, que para ele se tratava de pessoas com “estado mental geral do sexo oposto”, definidos claramente como invertidos.

Outro aspecto importante de se perceber no trabalho de Kiernan é que apesar da novidade presente em seu estudo com o uso dos termos heterossexual e homossexual, seu estudo ainda era orientado pelo antigo ideal de sexo como atividade eminentemente reprodutiva e mantenedora da espécie.

O uso do termo heterossexual tal qual conhecemos tem sua origem nos estudos de Richard von Krafft-Ebing (Katz, 1996). Em 1883, o psiquiatra vienense Krafft-Ebing publica seu livro

*Psychopathia Sexualis with Especial Reference to Contrary Sexual Instinct: A Medico-Legal Study*, tornando-se o mais famoso trabalho sobre as patologias sexuais no ocidente.

Para Krafft-Ebing, o heterossexual possuía o instinto sexual reprodutivo, erótico e sempre de sexo diferenciado, e ao contrário de Kiernan, não possui atração sexual pelos dois sexos, mas somente por um e o oposto. Também orientado pelo ideal sexual reprodutivo, seu estudo retrata a heterossexualidade como a normalidade erótica, uma vez que apenas em tal configuração seria possível a reprodução. E, portanto, seu termo gêmeo, o homossexual, significaria o desejo pelo mesmo sexo, patológico por não ser reprodutivo.

De acordo com Katz, o

“uso dos termos hetero-sexual e homo-sexual ajudou a tornar a diferença entre os sexos e o eros as características distintivas básicas de uma nova ordem social, linguística e conceitual do desejo. Seus hetero-sexual e homo-sexual ofereceram ao mundo moderno dois erotismos de sexo diferenciado, um normal e bom, outro anormal e ruim, uma divisão que viria a dominar a nossa visão do século XX do universo sexual” (1996, p. 40).

Neste sentido, estudos como estes disseminaram através do discurso biomédico padrões de “normalidade” sexual, sustentando a ideia de uma determinada orientação sexual fisiológica normal em detrimento de outra doentia, reiterando o binarismo sadio/patológico, normal/anormal. Outrossim, no século XX esta bioética determinista contribuiu no sentido de consolidar a noção de uma heterossexualidade como um fator irredutível da natureza.

Ainda sobre algumas contribuições aos estudos sobre a sexualidade, Michel Foucault, em seus três volumes de *A história da sexualidade* (Foucault, 1999; Foucault 1998a; Foucault 2005), discorre primorosamente sobre a arqueologia do exercício das práticas sexuais, no sentido de explicar como a sexualidade e os discursos a seu respeito foram ao longo da história se modificando e se constituindo de modo a consolidar o tecido das relações sociais tendo em vista o poder com o qual tais relações estão imbuídas.

O mesmo autor ainda pontua, no decorrer dessa obra, as implicações da ascensão ao poder político e econômico da Igreja Católica nos processos de subjetivação. Os dispositivos de controle utilizados pela igreja atuam de forma a circunscrever os modos de produção de subjetividade, em consonância aos dogmas e crenças religiosos que por sua vez são responsáveis em delinear aquilo que é, onde é e de que forma é ou não permitido, se configurando como uma tecnologia de si, tal como explica Foucault (Foucault, 1988b).

Aqui, entende-se como tecnologia de si aquelas

“[...] que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade” (Foucault, 1988b, p. 323-324).

Assim, o discurso e práticas cristãs irão oferecer ao sujeito instrumentos e um espaço de criação/transformação de si, no sentido de contribuir, e às vezes intervir na constituição do sujeito em prol de um ideal, de um paraíso prometido.

Na sociedade ocidental é a moral judaico-cristã que fundamenta a organização social, e é a partir de seus critérios morais que se é determinado aquilo é certo e aquilo que é errado. Não obstante, a sexualidade também possui uma normativa moral com relação à forma correta de seu exercício que consistiria na heterossexualidade, querida por Deus desde a criação e por isso a expressão natural da sexualidade humana (Ceccarelli, 2008).

Katz (1996, p. 25) ainda nos aponta que “geralmente supomos que a heterossexualidade é tão antiga quanto à procriação e a luxúria de Adão e Eva, eterna como o sexo e a diferença entre os sexos e daqueles primeiros seres humanos. Imaginamos que é essencial e imutável e não tem história.” Tal crença, iminentemente ideológica, deve ser compreendida como uma prática discursiva, no sentido de ser uma produção humana de um conhecimento a partir de uma regularidade de elementos dispersos, que ganham sentido na relação entre si, e que só poderiam ser produzidas numa realidade específica que possibilitasse tal articulação, assegurando sua legitimidade. O que permite a afirmação de que a heterossexualidade é uma também invenção (Katz, 1996)!

Essa ética heterossexual está tão introjetada em nossa forma de pensar que nunca problematizamos porquê as pessoas se atraem por sexos opostos, da onde vem esses sentimentos, enfim, nunca encaramos isso como um problema pois, pelo contrário, a temos como norma natural da humanidade.

Ao sustentar a existência de uma heterossexualidade natural no ser humano, o imaginário judaico-cristão cristaliza a noção de uma manifestação sexual absoluta, como se esta fosse uma realidade concreta, tornando, então, possível categorizar, classificar e etiquetar as práticas sexuais (Ceccarelli, 2008). Com base em tal imaginário, conclui-se que toda a expressão sexual que não se encaixe ao “natural” é desviante, patológica, perversa, pecaminosa (Costa, 1992).

De forma genérica, é possível encontrar nas igrejas cristãs do Brasil três tipos de posturas com relação à homossexualidade: 1) a rejeição da homossexualidade, concebendo-a como pecaminosa, antinatural e em alguns casos até demonizando-a, sendo o arrependimento e a mudança necessários para que estas pessoas sejam inseridas dentro da igreja; 2) a aceitação da homossexualidade como uma condição inferior e menos digna que a heterossexualidade; 3) e, a aceitação da homossexualidade como uma expressão tão normal quanto a heterossexualidade (Mesquita e Perucchi, 2016). O posicionamento mais comumente encontrado e disseminado no discurso religioso é o primeiro, que justifica as igrejas cristãs em suas práticas regulatórias e corretivas da homossexualidade.

Contudo, hoje é possível encontrar as chamadas *Igrejas inclusivas* que acolhem esse público rejeitado pelas denominações cristãs mais tradicionais e propõem uma leitura bíblica onde a orientação sexual e a diversidade de gênero não se apresentam como fatores dicotômicos. Muitas vezes, até os próprios líderes destes grupos religiosos se afirmam enquanto pertencentes do grupo LBGT, o que também contribui no processo de identificação com os fiéis.

O discurso religioso fundamentalista sobre a homossexualidade é muitas vezes embasado por trechos bíblicos interpretados de forma literal e oportunista, uma vez que não são considerados o contexto histórico e cultural dos escritos, assim como são utilizados de forma isolada com a finalidade de condenar e segregar um grupo específico.

Outras pesquisas ainda, como a de Natividade (2007), demonstram que sujeitos homossexuais inseridos em denominações cristãs passam por um processo especial de ajuda e aconselhamento, em que se entende que na homossexualidade

“É certo que uma luta espiritual ocorre contra esse “desvio de comportamento involuntário”, algo que não escolheu. Uma compulsão, uma doença, uma coisa que não é natural, uma prática abominada por Deus, uma proibição bíblica, um comportamento que pode estar ligado a ausência paterna, a criação no meio de mulheres, à influência espiritual e maldições, são algumas das justificações baseadas em valores religiosos” (Natividade, 2007, p. 89-90).

Neste cenário, esta pesquisa, ainda em curso, tem por objetivo principal investigar os modos de produção da subjetividade em jovens cristãos homossexuais, buscando compreender as articulações discursivas acerca da sexualidade e da religião que permeiam suas vivências, no sentido de pontuar aspectos significativos para estes sujeitos em seus processos de constituição enquanto indivíduos, considerando, é claro, a indissociabilidade deste do âmbito sócio-histórico-cultural.

De modo geral, acredita-se que serão encontradas três formas de síntese entre a vivência da orientação homossexual e a prática religiosa: a) jovens que se abstenham das práticas religiosas pela realização da sua orientação sexual; b) jovens que se abstenham das práticas sexuais em detrimento da participação religiosa; ou ainda, c) jovens que conciliem estas duas instâncias, sustentando tanto a sua prática sexual homoerótica quanto as práticas religiosas.

Outra hipótese levantada é a produção de sentimento de culpa nestes indivíduos, uma vez que os princípios cristãos consideram a homossexualidade como um pecado, e passível da punição divina. Ceccarelli (2008, p. 83), a partir da sua experiência clínica, relata que “Quase sempre, entretanto, o sofrimento devido ao fato de ser homossexual advém muito mais de questões sociais e medos – “o que os outros vão dizer”, “se os meus pais ou amigos souberem”, da culpa, da discriminação... – do que da sexualidade em si.” Tal aspecto deve ser entendido como um importante fator na produção de sofrimento psíquico para o qual se voltam as intervenções psicológicas.

Para a coleta de dados será utilizado a metodologia de entrevistas em grupo, mais especificamente os grupos focais. Estes consistem numa abordagem qualitativa de coleta de dados derivada das entrevistas grupais e que se baseia na comunicação e na interação entre os participantes. O principal objetivo da utilização dos grupos focais é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico, a partir de um grupo de participantes selecionados e que possam contribuir no estudo ao qual se propõe, no sentido de coletar informações que possam contribuir no entendimento acerca das percepções, crenças, atitudes sobre um tema ou um fenômeno específico (Bonfim, 2009).

Por se tratar de uma pesquisa classificada como exploratória, no sentido de buscar compreender o processo de construção da subjetividade homossexual cristã que se dá num universo de infinitas possibilidades que se articulam de modo muito particular para cada sujeito, acredita-se que o trabalho com grupo seja efetivo para a presente pesquisa dado a sua aplicabilidade no que se trata ao baixo custo de recursos financeiros, assim como, no tocante a eficiência para a coleta de informações que ajudam a compreender o que as pessoas consideram acerca de uma experiência em comum. Nesse sentido, pelo caráter exploratório da pesquisa, a utilização de tal método parece mais válida ainda, pois contribui no sentido de propiciar a partir de seus resultados a formulação de questões mais aprofundadas acerca de algum problema ou temática.

Ainda, segundo pesquisas (Borges e Santos, 2005; Bonfim, 2009), acredita-se que o trabalho com grupos contribua na compreensão do problema de pesquisa por meio das informações que as interações entre os sujeitos são capazes de fornecer, sendo esta uma das vantagens na utilização de tal metodologia.

Os dados coletados nos grupos focais serão analisados a partir da metodologia da análise de discurso. No entanto, entende-se que na realidade a análise de discurso não se trata exatamente de uma metodologia, mas sim de uma disciplina de interpretação que consiste na intersecção entre epistemologias distintas da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise (Caregnato e Mutti, 2006).

Pretende-se trabalhar com a análise de discurso, pois, de acordo com Gregolin, acredita-se que:

“O discurso é um suporte abstrato que sustenta os vários textos (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semio-narrativas. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz? Como ele diz?), e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?)” (1995, p. 17).

Assim, trata-se do entendimento de que o sentido que compõe um discurso não está no termo, na palavra em si, antes, trata-se de algo simbólico, que não é fechado em si, que não é exato. Uma vez que se propõe uma compreensão mais ampliada da construção de sentido de um enunciado, é inevitável buscar uma análise que não relacione a situação capaz de tal discurso ser articulado.

Dessa forma, segundo as palavras de Gregolin,

“Empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente” (1995, p. 20).

Acredita-se, portanto, que a utilização da análise do discurso possa oferecer os recursos e as ferramentas necessárias para a compreensão do objeto de estudo da presente pesquisa, a saber a produção da subjetividade e os discursos sobre a homossexualidade e a religião cristã, uma vez que partindo da complexidade de tal temática será necessária uma metodologia que permita a contextualização socio-histórica dos conteúdos trazidos pelos sujeitos de pesquisa.

Espera-se que a realização da pesquisa seja eficiente na análise das possibilidades de síntese entre estes dos elementos que contribuem no processo de subjetivação do público alvo deste estudo,

no sentido de alcançar os objetivos propostos e verificar as hipóteses levantadas, e principalmente levantando novos questionamentos que promovam um debate construtivo.

### Referências bibliográficas

BORGES, C. D.; SANTOS, M. A. Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 74-80, jun. 2005.

CARDOSO JR., Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 343-349, Dec. 2005.

CAREGNATO, R.C.A; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm.* Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 879-84. Out-Dez, 2006.

CASTANHEIRA, M. A. A. F. *Processos de sujeição e dessujeição: a constituição do sujeito em Michel Foucault*. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2012.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. *Bagoas: Revista de Estudos Gays*, v. 2, p. 71-93, 2008.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. 195 p.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 13a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 152p.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998a. 233p.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8a. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005. 247p.

FOUCAULT, Michel. “Technologies of the self” in Luther H. Martin et al (orgs.). Tradução do inglês por Andre Degenszajn. *Technologies of the self – a seminar with Michel Foucault*. Amherst, University of Massachusetts Press, 1988b. 176 pp.



FOUCAULT, M. “Polêmica, política e problematizações.” In: *Ditos e escritos V*, por M. FOUCAULT, 225-233. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GONDIM, S.M.G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

GREGOLIN, M.R.V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. *Alfa*. São Paulo, n. 39, p. 13-21, 1995.

KATZ, Jonanthan Ned. *A Invenção da Heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996. 272 p.

MESQUITA, Daniele Trindade; PERUCCHI, Juliana. Não apenas em nome de deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 105-114, Apr. 2016.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. O combate da castidade: autonomia e exercício da sexualidade entre homens evangélicos com práticas homossexuais. *Debates do NER (UFRGS)*, Porto Alegre, v. ano 8, n. 12, p. 81-107, jul./dez. 2007.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009.

A partir deste ponto o texto deverá conter Introdução (justificativa implícita e objetivos), Metodologia, Resultados e Discussão (podendo inserir tabelas, gráficos ou figuras), Conclusões, Agradecimentos (sendo de caráter opcional) e Referências.

O artigo deverá ser digitado no programa Microsoft WORD 2010 ou inferior, para Windows, utilizando formato A4, deverá ter no mínimo 8 páginas e no máximo 12 páginas, margens superior e inferior de 3 cm, esquerda e direita de 2 cm, parágrafo 1 cm, com espaçamento 1,5 entre linhas.